REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

CUMA: uma escola

Advaldo Castro Neto
Universidade Federal do Pará-UFPA
Belém-PA

Falar do CUMA, inevitavelmente, é falar de Josebel Fares! Ou como ela prefere, Bel Fares, a mãetinta mor de uma geração profícua que estuda as memórias e culturas amazônicas. Privilegiado que sou, sempre a tive ao meu lado, afinal, somos filho e mãe. Mas, na academia, nada de privilégios, a ética sempre foi e continua nos sendo cara e categórica. Mas, claro, ela que me levou, proporcionou-me adentrar neste lugar mágico, mito-poético chamado CUMA.

Contudo, falar de CUMA é falar também de Venize e Renilda (as quais me conhecem desde a mais tenra idade) e que são pilares-companheiras-parceiras do CUMA e Bel. Mas, para mim, este lugar que não tem espaço físico, embora tenha[2] igualmente é Vasti Araújo! Com esta mulher aprendi muito sobre cinema e outras bossas, e aqui no CUMA fomos parceiros, ao lado do cinéfilo Marco Antônio[3], num projeto de iniciação científica chamado "Curta o Cinema".

Acompanho o CUMA há 21 anos. Desde quando, em 2004, ainda na graduação na UFPA, registrei audiovisualmente as entrevistas de pesquisa de iniciação científica acerca da memória da Belém de antigamente a partir das vozes dos velhos do Pão de Santo Antônio, as quais se transformaram em textos num livro, editado em 2010 pela EDUEPA, organizado por Bel, no qual pude contribuir em parceria com Renata Lameira, com o capítulo sobre a radionovela e a televisão.

No CUMA eu aprendi a ser pesquisador, a como proceder metodologicamente em uma pesquisa acadêmico-científica. Métodos, etapas, bibliografias, objetivos, justificativas e todos esses troços próprios da academia. Este aprendizado se dava tanto ouvindo e vendo as diversas pesquisas de seus integrantes nos Seminários realizados,

[2] Ali no térreo do terceiro bloco do CCSE/UEPA.
[3] Outro importante membro do Núcleo.

tradicionalmente há décadas, em dois dias do mês de dezembro[4]; quanto na prática da pesquisa, realizada no CUMA ou fora.

Todas as pesquisas desenvolvidas fora do CUMA, pude apresentá-las nestes seminários, entre elas destaco sobre Líbero Luxardo; cinema no Pará; Walter Bandeira e Grupo Gema e Tacacá e a sociabilidade belemense. Na revista Sentidos da Cultura publiquei alguns artigos[5].

Não só aprendi como gostei de fazer pesquisa, principalmente, na perspectiva da história oral, memória e Amazônia. Não à toa mestrado e doutorado a perspectiva é esta, seja para tratar de cinema, seja para tratar de música popular instrumental. Até mesmo minhas incursões na antropologia alimentar a perspectiva continua nessa tríade.

Porquanto, as bases de meu *eu*-pesquisador foram alicerçadas neste percurso de 21 anos de (com)vivência com todos os membros deste grupo imenso, não só de coração, mas de gente mesmo, mas tudo gente da mais alta qualidade – principalmente no que se refere à educação sensível como diferencial para uma sociedade cada vez mais doente e carente de escutas, olhares e educação para o sensível, ou seja, para a multiplicidade das possibilidades de ser e estar aí *com* e não *para*.

Essa não só é a educação defendida pelo CUMA, mas também por ele propalada, por intermédio de seus membros espraiados por diversas instituições. Quando falo em membros não contabilizo ex e atual, pois inexiste isso no CUMA. Todos são membros vitalícios!

Gostaria de lembrar, inclusive, que não fui só eu que aprendi no CUMA. Sei que esquecerei muitos nomes, mas ousarei citar alguns da minha geração, meu querido atual orientador no doutorado, Dênis Bezerra é cria do CUMA, assim como minha colega da Filosofia, Merynilza, o queridaço Edne Maués, Flávio – que foi meu aluno na UEPA...

Por fim não poderia deixar de citar a Cristina, Jessie e Dia neste constructo que é o CUMA[6]. Dia praticamente personifica, hoje, a mãetinta, seu coração pulsa forte no repercutir deste tambor ritualístico que se tornou o CUMA, ainda mais no desfecho de seu almoço de causar frisson aos deuses amazônicos. A Dia não só ouviu o "fiti fiuite", aceitou-o!

[4] Próximo ao término do semestre letivo.
[5] Partes de minha dissertação e um texto sobre filosofia da educação.
[6] Além claro de tantas outras constelações não mencionada aqui neste curto espaço. Afinal, cada um de nós é um universo.

O CUMA é mais que um Núcleo, é uma casa que aconchega todos que nela querem adentrar, conhecer e trocar. Essa casa é muito parecida com uma que eu morei e continuo a frequentar, fica em Netuno, no sexto andar.

SOBRE O AUTOR

Atualmente, professor de Filosofia na Rede Estadual de Ensino, no Pará. Doutorando em Artes (ICA/UFPA). Mestre em Artes (ICA/UFPA). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Pesquisa estéticas modernas e contemporâneas, discute as relações entre indústria cultural e processos de produção poética. Atua enquanto pesquisador, principalmente nos seguintes temas: filosofia, filosofia da arte, música, cinema, memória e antropologia alimentar. Participa do Grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA).

http://lattes.cnpq.br/8039904400178919
E-mail: advaldocastro@uol.com.br

Recebido: 22/07/2024

Aprovado: 30/09/2024